



GT 25. Corpo, gênero e sexualidade: presenças, ausências e urgências em tempos de retrocesso

Coordenador(es):

Mônica Lourdes Franch Gutiérrez (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Silvana de Souza Nascimento (USP - Universidade de São Paulo)

Esta proposta busca mapear pesquisas situadas no diálogo entre os estudos de gênero, sexualidade, corpo e saúde. Partimos do pressuposto de que vivemos um contexto paradoxal. Por um lado, a expansão da produção têm possibilitado complexificar o conhecimento sobre relações de gênero, práticas sexuais, normatividades, sociabilidades, territorialidades, corporeidades, colaborando para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira. Por outro lado, o avanço do neoconservadorismo e a ofensiva neoliberal ameaçam direitos sexuais e reprodutivos, provocam o desmonte do Estado e fragilizam as condições para a produção de conhecimento nas questões ligadas a gênero e sexualidade. Urge refletir sobre qual tem sido nossa agenda de pesquisa, que temas têm nos mobilizado e que assuntos têm tido menos espaço nos nossos fóruns de debate. Nesse sentido, o GT busca aglutinar trabalhos que nos ajudem a compreender práticas, identidades e saberes na contramão da heterocisnormatividade hegemônica, mas também modelos de heterossexualidade e masculinidade mais tradicionais, mainstream, ou até mesmo conservadores, que se colocam como força contrária à autonomia das mulheres e à defesa dos direitos humanos. As apresentações podem girar em torno de temas como contracepção, maternidade, aborto, HIV/Aids, diversidade sexual, transexualidade, transformações corporais, bissexualidade, mulheres lésbicas, relações raciais, entre outros.

A relação entre corpo, gênero e desejo em experiências transmasculinas

Autoria: Andressa de Freitas Ribeiro (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Este texto é fruto de minha tese de doutorado sobre homens trans e outras transmasculinidades. Na pesquisa doutoral, mantive contato e realizei entrevistas em profundidade com dez homens trans e uma pessoa transmusculina, buscando reconstruir, através da análise de narrativas, suas trajetórias de vida, principalmente no que tange a compreensão da constituição de uma identidade masculina em corpos que foram, no momento do nascimento, socialmente assignados como femininos. Uma questão central que emerge na pesquisa é: como pessoas que foram assignadas como mulheres no momento do nascimento passam a se identificar como homens no decorrer da vida? As análises de narrativas evidenciaram que esta identificação é fruto de um sentimento, constituído ao longo da vida, que guarda relação tanto com a percepção (MERLEAU-PONTY, 1994) quanto com a memória (FREUD, 1905). Neste texto, através da análise de narrativas de cinco homens trans e uma pessoa transmasculina, procurarei mostrar como ser homem, cis ou trans, é muito mais um sentido-imagem de si constituído ao longo da vida através da relação entre corpo, gênero e desejo do que uma consequência imediata de uma determinada parte do corpo. Essa imagem-sentido de si depende da relação entre memória e percepção e possui, portanto, uma dimensão tanto de atualidade como de virtualidade. O desejo aparece como um elemento, fundamental nesta relação entre memória e percepção e em total relação tanto com a constituição do gênero quanto com a percepção do corpo.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: